

## Sobre o Zé Alberto e o prazer de fazer demografia

José Marcos Pinto da Cunha<sup>1</sup>

Falar de alguém tão querido e admirado por tanta gente é uma tarefa difícil, especialmente no meu caso, que, por uma trajetória acadêmica e profissional – em instituição e estado distintos –, não tive a chance de conhecer profundamente o José Alberto Magno de Carvalho como pessoa, em todas as suas dimensões. Gostaria de tê-lo conhecido melhor. Certamente esta homenagem seria muito mais interessante com lembranças e vivências para além das profissionais.

Não fui aluno, não fui orientando, não fui íntimo. No entanto, fui agraciado ao poder contar com a presença desse grande Demógrafo (com D maiúsculo como ele gostava de dizer) em todos os momentos-chave da minha trajetória acadêmica.

Aliás, como fato anedótico, o meu primeiro contato mais direto com o professor deu-se num evento na Fundação Seade, onde eu era pesquisador recém-chegado do mestrado em Demografia no Celade. Ao apresentar meu primeiro estudo sobre migração no Estado de São Paulo, era ele um dos debatedores. Em um dos seus principais comentários, ressaltou um problema formal sobre usar a informação de “última etapa” para calcular o saldo migratório. Lembro que respondi, mas muito provavelmente não o convenci. Mesmo considerando minha impetuosidade de jovem recém-formado em Demografia e a enorme gentileza do mestre, comecei minha relação e admiração por ele de forma um tanto traumática.

Seu rigor pelo método demográfico e, sobretudo, a criatividade para pensar formas distintas do uso da informação eram dos aspectos que mais me chamavam a atenção. Que o digam seus alunos e alunas que, em tantos Encontros da ABEP, como pude testemunhar, experimentaram carinhosos (mas não menos exigentes) puxões de orelha em função de descuidos metodológicos.

O prazer e a segurança com que falava da Demografia e a intensidade com que “vivia” da e para ela deixavam muito claro que, para o Zé Alberto, esta disciplina significava muito mais do que uma simples área de estudo. A Demografia constituía-se como parte de sua vida, algo que precisava e merecia ser defendida a qualquer custo. Este amor e entusiasmo pela área eram, sem dúvidas, as características que mais me impactavam e que eu mais admirava neste grande demógrafo brasileiro. Seus olhos brilhavam quando apresentava resultados de suas incursões sobre os dados (particularmente aqueles sobre migração), quando falava das consequências das tendências demográficas na sociedade, ou quando defendia a qualidade e integridade dos Censos Demográficos. Era realmente inspirador e, portanto, impossível deixar de se encantar com tamanho entusiasmo.

José Alberto esteve próximo a mim nos momentos mais importantes da minha carreira acadêmica, presente em todos os concursos dos quais participei, inclusive em minha banca de doutoramento. Sua presença nesses momentos foi sempre uma exigência de minha parte, não apenas pelo que ele significava para a Demografia Nacional, mas, sobretudo, pelo que, tinha certeza, poderia contribuir para o avanço de minha carreira. Seu aval, seus elogios, suas críticas e, às vezes, até mesmo sua ironia (ele dizia que eu queria ser muito “sociólogo”) eram questões

---

<sup>1</sup> Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (Nepo), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

das quais eu não abria mão pelo respeito que fui adquirindo por este professor que marcou parte da minha trajetória.

Perder uma pessoa querida nunca é fácil, fica a dor, o sentimento de vazio e a sensação de que nunca conseguiremos superar. Ainda assim, perder um intelectual e um Demógrafo da importância e calibre do Zé Alberto nos inspira um conforto de que seu grande legado permanecerá para sempre nas instituições que construiu, na figura da(o)s inúmeras(o)s aluna(o)s, discípula(o)s e amiga(o)s, enfim, de toda(o)s aquela(e)s que tiveram a sorte de conviver com esse grande mestre. Descanse em paz!!